



Mídias e Conflitos – as diversas facetas da informação. Observando Cairo, Egito.

Media and conflict – the diverse facets of information Observing Cairo, Egypt

Anna Lúcia Florisbela dos Santos*

Susy da Silva Sobrinho**

RESUMO

O artigo reflete os acontecimentos recentes no Egito, tendo Cairo como o principal palco, que resultou na caída do Governo de Mubarak depois de 30 anos de ditadura. A participação massiva da população só foi possível através da operação na mídia social, que permitiu em tão pouco tempo motivar milhões pessoas a ir às ruas protestar contra os abusos sofridos ao longo dos anos. A revolução aconteceu sem líderes preparados ou responsáveis para dar ao país uma direção democrática duradoura.

Palavras-chave: Mídia Social; Ação Coletiva; Movimento Social; Conflito no Egito; Mubarak.

ABSTRACT

The article reflects on the recent events in Egypt, taking Cairo as the main stage, relating to the fall of the Mubarak government after 30 years of dictatorship. The massive participation of the Egyptian population was only possible through the use of social media which, in a very short time, encouraged thousands of people to occupy the streets protesting against the abuses suffered over the years. The revolution happened without formal leaders prepared for or capable of giving the country a lasting democratic direction.

Keywords: Social media; Collective Action; Social Movement; Conflict in Egypt; Mubarak.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a veiculação da informação de forma contraditória relacionada aos eventos mundiais descortina uma crise ética até então não conhecida no meio público internacional e que põe à prova as relações diplomáticas entre países. Por outro lado, o desenvolvimento na tecnologia da informação descortina a vulnerabilidade de governos, instituições civis e empresas que cada vez mais necessitam proteger seus dados. O que o cidadão comum tem ou não direito de saber sobre o seu próprio país? Indagações como essa têm surgido com frequência.

Emergem figuras neste cenário, tais como Julian Assange (Wikileaks) e Edward Snowden, que são considerados criminosos e Bradley (Chelsea) Manning, preso,

* Doutora em Economia. Consultora Internacional Independente para assuntos de Desenvolvimento Econômico. Schuknechtstrasse 60 - 64289 - Darmstadt – Alemanha. Telefone: 0049 6151 3381310. E-mail: alflorisbela@yahoo.de

** Profissional autônoma e pesquisadora do comportamento humano. Schuknechtstrasse 60 - 64289 - Darmstadt – Alemanha. Telefone: 0049 6151 3381310. E-mail: contato.susy@gmail.com

julgado e condenado (a 35 anos) por passar informações “sigilosas” que, no entanto, deveriam ser de conhecimento público. É em meio a essa crise que se debruça a reflexão sobre os acontecimentos também recentes na história do Egito. História esta fortemente facilitada pelos meios modernos de comunicação, e mais concretamente pela mídia social.

Entende-se o presente texto como uma contribuição ao debate sobre a importância das redes sociais como instrumento de mudança da participação política popular.

O trabalho é empírico e foi elaborado com informações de fonte primária, derivadas de entrevistas qualitativas. Foram entrevistadas oito pessoas (três mulheres e cinco homens). Apenas duas pessoas permitiram publicar os seus nomes – um jornalista e um cientista político¹, os outros preferem o anonimato. Trabalhou-se também com fontes secundárias e observações das demonstrações foram consideradas.

Onde quer que estejam, as pessoas estão sempre se comunicando. E isso é o resultado da evolução humana e tecnológica. No que se refere à comunicação pós-moderna, o resultado do melhoramento da dinâmica e velocidade da veiculação da informação e do conhecimento, chegou-se ao nível revolucionário e o Egito tornou-se parte desse avanço. Importa salientar que o presente texto não tratará do conceito da chamada revolução digital propriamente dita.

Observa-se que há grande crítica sobre o uso excessivo e, muitas vezes, abusivo dos celulares. A praticidade deste meio de comunicar-se atravessou fronteiras e tornou-se acessível a qualquer hora, em qualquer lugar – as pessoas estão sempre telefonando, enviando mensagens – nas ruas, nos carros, nos restaurantes e cafés, nas escolas, nos locais de trabalho, hospitais, cinemas e por aí vai.

É crescente o número de acidentes que ocorrem em função da distração de motoristas e pedestres nos grandes centros urbanos em todo o mundo, por causa da facilidade e rapidez no envio de mensagens de celulares.

Observam-se, também, as críticas feitas ao uso de celulares nos encontros sociais presenciais. Exemplo: se quatro amigos estão reunidos, provavelmente os quatro estarão com seus respectivos aparelhos (muito comum no Cairo, como sinal de status VIP – não se estará apenas com um, mas com até três celulares de última linha sobre a mesa).

Muito embora compartilhem do mesmo ambiente numa reunião de amigos, no mesmo instante estarão virtualmente conectados comunicando-se com outras pessoas. Sob o ponto de vista comportamental, tal prática tem exercido forte influência nas relações sociais. Numa primeira fase, entre os jovens – consumidores em massa de novidades tecnológicas – por conseguinte, tornando-se um hábito, não havendo restrições para outras idades.

A intenção do texto é tratar do alcance da discussão sócio-política que tem se formado através das redes sociais. No exemplo de Cairo, as redes sociais têm sido também um espaço no qual o público denuncia e manifesta as frustrações sociais, econômicas e políticas sofridas em seu cotidiano.

Tanto no Cairo como em todo o Egito o povo constatou, apesar das consequências fatais e com sangue nas mãos, que de fato não estão sós. E, muito mais que isso, descobriu o poder que pode exercer quando saiu de sua zona de conforto e expressou sua vontade.

¹ Jornalista: Tamer Brasily Copyright e Cientista político: Hamdi Hassan.

RÁPIDAS INFORMAÇÕES GEOPOLÍTICAS

Egito

Apenas para fazer uma ideia em relação ao Brasil, observe nos dados abaixo que a taxa de IDH, que trabalha com uma escala de 0 a 1 e considera os números de expectativa de vida a partir do nascimento, educação, renda e padrão de vida, na verdade acaba sendo um resumo da tabela 1.

Em um universo de 187 países, o Egito ocupa a posição de 113° - 0,644 e Brasil ocupa a posição 84° - 0,730. Os melhores índices pertencem à Noruega, em primeiro lugar com um índice de 0,943 e o 2° à Austrália, com 0,929. No fim da lista, encontram-se, no 186° lugar, o Níger, com um índice de 0,295 e, no 187°, a República Democrática do Congo, com o índice mais baixo, de 0,286.

Tabela 1: As estatísticas

Nome	República Árabe do Egito
Superfície	997 739 Km ²
População (est. 2012)	82,5 milhões de habitantes
Capital	Cairo
Moeda	Libra Egípcia
PIB Nominal (2011)	US\$ 257 bilhões
PIB per capita nominal (2011)	US\$ 3112
Expect. de Vida (2012)	72,9 anos
Taxa de Alfabetização (2012)	70,3%
Liberdade Política, qto mais alto o n° pior (2011)	5,5
IDH (2011)	113° - 0,644

Fonte: http://www.indexmundi.com/es/egipto/expectativa_de_vida_al_nacer.html;
http://www.indexmundi.com/pt/egipto/taxa_de_alfabetizacao.html
<http://www.infoescola.com/geografia/idh-2011/>

Cairo

A Grande Região do Cairo (GRC) é formada por três Governadorias (Cairo, Giza e Kalyubeya) com aproximadamente 20 milhões de habitantes. Os governadores são nomeados diretamente pelo presidente. Dos 20 milhões de habitantes desta região, cerca de 60% vivem em áreas informais de ocupação ilegal. São áreas urbanas pobres carentes de infraestruturas sociais e técnicas. Esses locais têm alto nível de desemprego, principalmente para os jovens.

Um problema considerável é que as construções de novos prédios ocupam áreas agrícolas importantes para a vida da cidade. O Cairo se expande também para as áreas desérticas de propriedade do Governo. Parte considerável das construções tem riscos sérios de desabamento e problemas sanitários.

Constata-se que as novas edificações habitacionais têm sido construídas com 15 ou mais andares. Essa tendência é observada no período recente de pós-revolução. São usadas como investimento para garantir o futuro. No momento, estima-se que exista no grande Cairo espaço construído –porém não habitado – com capacidade de abrigar aproximadamente três milhões de pessoas.

Tabela 2: A Cidade do Cairo

Cidade	453 km ²
Perímetro Urbano	6,640 km ²
Elevação	23 m sNN
População (2011)	
Cidade de Cairo	9,120,350
Densidade Demográfica	17,190/km ²

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Cairo>

A INFRAESTRUTURA TECNOLÓGICA

Os primeiros grandes investimentos realizados no governo de Mubarak na área de Internet e comunicação avançada foram feitos no início de 2000. Em 2009, o Egito já se classificava no 110º lugar de 203 países, em ranking tecnológico, posicionando-se à frente de seus vizinhos Líbano e Síria.

O país liberou o mercado internacional de Internet banda larga e VoIP². Os mercados internacionais de Internet banda larga e VoIP aglutinam mais de 200 diferentes provedores, propiciando as taxas mais econômicas do norte da África e mesmo do Oriente Médio. Para se ter uma ideia do volume, só a Vodafone possui mais de 36,3 milhões de clientes, em dados de 2011. No mesmo período, esse mercado movimentou mais de 13,5 milhões de dólares.³

O Egito é servido por três cabos submarinos internacionais (2008), que custaram aos cofres do Estado muitos milhões de dólares. Há lutas internas para se quebrar o monopólio do Telecom egípcio. Apesar disso, o plano de expansão que o governo de Mubarak não teve tempo para executar não tem impedido que o mercado de tecnologia e comunicação continue a crescer no país.

O POVO NA RUA A CAMINHO PARA A REVOLUÇÃO

30 anos de ditadura

² Voice over Internet Protocol ou seja Voz sobre Protocolo de Internet ou telefonia IP, que apresenta a vantagem de transmissão sem custos adicionais para os usuários, a exemplo do Skype.

³ Fonte: <http://azmemory.azlibrary.gov/cdm/ref/collection/gccarc/id/369>

Não se pretende aqui desenvolver uma linha do tempo, mas apresentar um resumo com as principais razões que fizeram eclodir os movimentos e manifestações, até o desfecho e queda do regime do ex-presidente egípcio Hosni Mubarak.

Em 1981, quando assumiu o poder, Mubarak herdou um país com mazelas sociais – pobreza, desemprego, má distribuição de renda e corrupção – deixadas desde o reinado do Rei Farouk, acumuladas nos governos Nasser e Sadat.

Em seus dois primeiros mandatos houve alguns avanços em tecnologia, educação e infraestrutura industrial. Tal progresso veio acompanhado de um grande crescimento populacional, administração deficiente dos serviços públicos e corrupção em vários níveis do governo.

Contenções envolvendo desenvolvimento econômico e investimentos em programas criados apenas para aliviar algumas das pressões diárias do povo egípcio, a repressão a qualquer ameaça potencial, como a supressão de protestos, o controle sobre as organizações civis e o uso abusivo de métodos de tortura foram ações crescentes nas quais o regime se baseou.

Mubarak nunca teve uma ligação com seu povo de forma pessoal, sua desconexão com a sociedade aumentou em proporções levando-o à falta credibilidade e legitimidade.

No desenvolvimento econômico, novos homens e mulheres de negócios nos seus diversos setores questionavam sobre a forma que o país e sua economia vinham sendo administrados. 75% da população jovem, na faixa etária abaixo de 35 anos, com seus anseios e demandas cada vez mais expandidas, levou o governo a um posicionamento de confronto e repressão crescentes.

O que o governo não previa era que se ater apenas à força e violência não conteria essa camada da população, pois os canais via satélite e plataformas de internet proviam informação e conscientização dos egípcios, além de meios para mobilizarem-se.

Isolado, Mubarak garantia-se com seu forte aparato de segurança e insistia na ideia de que reformas econômicas poderiam ser conduzidas sem que mudanças políticas reais fossem implementadas. Ele mantinha o pensamento de que o país poderia ser governado apesar da opressão política, corrupção, sectarismo e fúria generalizada. O que o povo egípcio não aceitou, em momento algum, foi a possibilidade de Gamal Mubarak tornar-se o sucessor do pai. Interpreta-se que a família Mubarak se imaginava como a própria dinastia real.

Durante o seu governo, o próprio Mubarak sofreu tentativa de assassinato e o país foi vitimado com diversos ataques terroristas. Na sequência, os atos que tiveram maior impacto, em ordem cronológica:

- 1995 Um homem atira contra a limusine que transportava Mubarak na capital da Etiópia, Addis Ababa, em sua chegada ao fórum da Organização da União Africana.
- 1997 O massacre de Luxor – 58 turistas mortos, entre eles uma criança.
- 2000 Explosão em uma igreja copta no vilarejo de el-Kosheh, ao sul do Egito, 21 mortos.
- 2004 Explosão no Sinai, com 34 mortos.

- 2005 Ataques em Sharm el Sheikh 88 mortos e 150 feridos – o maior na história do Egito.
- 2006 Explosão em Dahab, 23 mortos.
- 2008 Sequestro de 11 turistas na fronteira Sudão/Egito.
- 2009 Ataque à igreja Al-Qidiseen, 7 mortos.
- 2011 Ataque suicida em frente à igreja copta de São Marcos, em Alexandria, 17 mortos.

O emblema dos últimos dias do Regime Mubarak

Assim como um indivíduo busca chamar atenção através de comportamentos extremos, um povo oprimido encontra as mais infinitas formas de expressar a sua dor pelo descontentamento e assédio moral. Sendo esgotadas as possibilidades racionais, o desespero leva a ações talvez não moralmente corretas – mas para aqueles a quem não resta muito é o que vale.

Desde quando Mohammad Bauazizi, 26 anos, engenheiro eletrônico e desempregado, ateou fogo em si próprio e tornou-se mártir na Tunísia, 6 casos no Egito, “bem sucedidos” ou não, foram reportados semanas antes dos protestos que levaram à revolução.

A intenção dessas pessoas era de comover o povo da mesma forma que aconteceu na Tunísia e assim provocar protestos em massa, a fim de se livrarem do regime de opressão em que viviam.

Tamanho era o descontentamento e desespero daquelas pessoas, que as levaram a este ato extremo. A reação pode não ter sido imediata e não ter havido a repercussão que houve na Tunísia, porém foram fatos que agregaram e reforçaram a fúria e motivaram a revolta.

Um homem identificado por Mohamed, entrevistado pela *Time World*, na edição de 20 de janeiro de 2011, diz o seguinte em sua entrevista referindo-se à Tunísia: “Eles tinham um presidente ruim e o povo estava cansado dele, então eles se livraram dele. Aqui, o povo também está cansado – mais do que eles na Tunísia. Eventualmente, eles irão fazer o mesmo aqui também.” (HAUSLOHNER, 2011)⁴

A história do ditador, também apelidado como o último faraó, que veio de origem humilde chegando à vice-presidência no governo Sadat, tornando-se depois presidente até sua queda, pode ser encontrada em um documentário em inglês – “The Rise and Fall of Hosni Mubarak.” - Ascensão e Queda de Hosni Mubarak – produzido pela rede Al Jazeera⁵.

⁴ "They had a bad president and the people were sick of him, so they overthrew him. Here, the people are sick too — more so than they were in Tunisia. Eventually here, they're going to do it too."

⁵ <http://www.aljazeera.com/video/middleeast/2011/02/2011211212021847646.html>

MOVIMENTOS POLÍTICOS

Movimento Kifaya

Entre os anos de 2004 e 2011, o Egito experimentou um conturbado cenário político no qual viu o surgimento de alguns movimentos ativistas que foram suprimidos pelo regime Mubarak.

O primeiro grupo, Kifaya – que em árabe significa basta, também conhecido como Movimento Egípcio para Mudanças – teve sua origem a partir da evolução das manifestações anti-guerra, em março de 2003.

Surgiu em definitivo em 2004 com a finalidade de reivindicar uma reforma política em oposição ao regime. Alguns blogueiros faziam parte dele, utilizando a mídia alternativa para expor suas ideias.

Já naquela época, temia-se que a transferência de poder no Egito se desse como havia ocorrido na Síria, ou seja, de pai para filho, de Mubarak para seu filho Gamal Mubarak.

Em dezembro de 2004, o grupo fez uma demonstração emblemática, com em torno de 1.000 ativistas, bocas seladas com uma fita adesiva amarela com a palavra Kifaya, dispostos em pé nas escadarias da Corte Suprema do Cairo, demandando que o então presidente Hosni Mubarak deixasse o poder e que houvesse eleições diretas.

Em 2005, por ocasião das eleições presidenciais o grupo conseguiu mobilizar a população e boicotar as eleições. No entanto, Mubarak foi considerado eleito com 88,6% dos votos, sendo estes equivalentes a 6 milhões contra um universo de 70 milhões que não votaram.

No dia de sua posse, manifestantes do grupo surgiram com cartazes e gritando slogans prometendo continuar com oposição às intenções de o presidente passar o poder ao seu filho.

Desde então, mesmo com a prisão de alguns dos seus ativistas, a proibição de se manifestarem e enfrentando a truculência da polícia e dos partidários do presidente, o movimento Kifaya acabou sendo catalisador, inspirando outros grupos de oposição, inclusive a Irmandade Muçulmana.

Após as campanhas maciças de 2005 e a repressão do governo, o movimento começou a cair por motivo de trocas de lideranças em 2007 e, também, por não encontrar apoio maior na população devido ao medo instaurado, que levou a sociedade a uma apatia política.

Movimento Jovem 6 de Abril

Na primavera de 2008, surge o Movimento ativista 6 de Abril com a finalidade de apoiar uma greve de trabalhadores de uma Zona Industrial na Região do Delta do Nilo. Os ativistas pediram para que as pessoas no dia da greve vestissem preto e ficassem em casa.

Foi com essa iniciativa que a mídia social adquiriu força e se constituiu como espaço alternativo para divulgar e dar suporte à greve. “Bloggers e jornalistas cidadãos usaram o Facebook, Twitter, Flickr e blogs e outras mídias para prover informações

sobre a greve, alertar sobre as ações da polícia, organizar proteção legal e chamar atenção para seus esforços.”⁶

As discussões principais do grupo giravam em torno de liberdade de expressão, nepotismo no governo e a economia estagnada do país. Alguns dos principais integrantes do grupo foram presos e havia constantes ameaças para que se calassem⁷.

O *New York Times* considerou o movimento como um grupo político do *Facebook*.

Em janeiro de 2009, contava com 70.000 membros, dentre os quais jovens com bom nível educacional, no entanto sem qualquer experiência política ativista anterior.

Pode ser um exagero dizer que a queda de Mubarak tenha ocorrido pelo poder da mídia social. No entanto, segundo Sbardelotto, que cita Massimo Di Felice, é “Inovação tecnológica que altera o modo de comunicar e seus significados, estimulando, ao mesmo tempo, inéditas práticas interativas (entre grupos) e a tecnologia da informação”⁸.

Ainda assim entendem-se as redes digitais como instrumento; o que muda realmente é a possibilidade e a forma rápida de aproximar as pessoas.

Muito embora as mídias sociais tenham potencializado e motivado a população a tomar as ruas das diversas cidades do Egito, especialmente as do Cairo, a fim de exigir mudanças drásticas levando assim a queda de Mubarak, por exemplo, isto não configura que tais meios como únicos responsáveis pelo feito.

Os 60 anos de corrupção no país e os 30 anos da ditadura de Mubarak já continham muitas fissuras e a estrutura sociopolítica vinha ruindo aos poucos ao longo dos anos.

O Papel do Movimento 6 de Abril

Em 2011, o movimento 6 de Abril teve importância fundamental na convocação do povo egípcio para participar das manifestações que culminaram na queda de Mubarak.

A grande convocação para a revolução atribui-se, também, ao grupo do *Facebook* – *We Are All Khaled Saeed* – *Todos Nós Somos Khaled Saeed*, que foi criado em junho de 2010.

Saeed era um jovem de Alexandria que foi espancado por policiais até a morte. Em 06 de junho de 2010, Khaled Said foi arrastado por dois policiais de um *Internet Café*. Na frente de todos, Said foi brutalmente agredido e levado para algum prédio próximo e não saiu vivo de lá. Essas foram as palavras do dono do *Café*.

Acredita-se que o crime aconteceu em retaliação, porque o rapaz havia postado um vídeo no *Facebook* revelando um momento de corrupção de policiais egípcios. Um vizinho de Said, o jovem Amro Ali, escreveu um manifesto retratando quem ele foi - um jovem simples, como tantos outros, que gostava de música; era filho, vizinho,

⁶ "Bloggers and citizen journalists used Facebook, Twitter, Flickr, blogs and other new media tools to report on the strike, alert their networks about police activity, organize legal protection and draw attention to their efforts" http://en.wikipedia.org/wiki/April_6_Youth_Movement

⁷ http://en.wikipedia.org/wiki/April_6_Youth_Movement

⁸ http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4199&secao=380

amigo, primo, cliente. Então, Wael Ghonim entende que aquele jovem também era não somente ele, mas representava todos os jovens egípcios – assim originou-se o nome: “Todos Nós Somos Khaled Saeed.”

A página do Facebook ganhou rapidamente vários seguidores, chegando a 400.000, e teve o papel de chamar atenção para a situação de crescente descontentamento.

Praticamente, é deste ponto que se dá o início da PRÉ-REVOLUÇÃO.

Após os protestos iniciarem, Wael Ghonim, que na época era executivo da Google, e Mansour, ativista e expert em mídia, revelaram ser os administradores do grupo.

Asmaa Mahfouz e seu *network* de amigos inspiraram-se nos protestos da Tunísia e perceberam que da mesma forma e, com resistência, também o povo egípcio poderia retirar seu ditador do poder.

Ela, uma jovem ativista do Movimento 6 de Outubro, resolveu então enfrentar o medo imposto pelo regime de 30 anos de Mubarak e gravou um vídeo no Youtube, convocando o povo a ir à Praça Tahrir no dia 25 de janeiro – quando se comemora o Dia Nacional da Polícia.

O vídeo tornou-se viral no Facebook, blogs e telefones celulares, inspirando outras pessoas em todo o país. Outros vídeos foram feitos e 20.000 panfletos foram espalhados afim de se convocar a população. O panfleto dizia: “Eu irei protestar no dia 25 de janeiro para obter meus direitos.”

Inicialmente, pretendia-se ir à frente do Ministério do Interior e protestar contra os abusos da polícia. Contudo, com o passar daqueles dias, as demandas foram se expandindo e exigindo a saída do Ministro do Interior, o fim da corrupção no governo, o fim da Lei de Emergência e limites ao mandato presidencial. Após os protestos terem início e não havendo uma resposta do governo, o povo seguiu resistindo até que a principal demanda acabou sendo a retirada de Mubarak do poder.

A expectativa era de que apenas poucos milhares comparecessem; porém, mais de um milhão foi às ruas. O Movimento Kifaya, entre outros movimentos políticos, partidos de oposição e figuras públicas também deram suporte. Além de pessoas de várias partes do Cairo, de todas as classes sociais.

Apesar de a igreja ter advertido aos cristãos a não participarem das manifestações, o apoio que deram foi marcante – uma demonstração de união do povo egípcio, independente de sua crença.

A ATUAÇÃO DE MULHERES DURANTE A REVOLUÇÃO.

As mulheres tiveram uma participação ativa durante a revolução e o advento da mídia social, especialmente o Facebook, viabilizou a formação de grupos, transformando muitas delas em líderes de manifestações.

Após o vídeo viral de Asmaa Mahfouz, muitas se inspiraram e fizeram clips e lideraram protestos na Praça Tahrir.

Trecho da convocação de Asmaa Mahfouz: “Eu, uma menina, irei à Praça Tahrir e ficarei sozinha. Irei segurar meu cartaz. [...] Eu escrevi que quem quer que seja que se

preocupe com este país venha comigo, e quem se preocupar comigo ou pensar que estou louca deverá vir para me proteger.” *Asmaa Mahfouz*.⁹

A repercussão dos vídeos e os foruns dos grupos no Facebook fizeram crescer a resistência e o número de manifestantes a cada dia. Jornalistas e ativistas passavam relatórios pelo Twitter direto da Praça Tahrir.

Apenas citando dois nomes de outras mulheres que se destacaram nas manifestações e que relataram o que acontecia durante os protestos e dentro praça:

Esraa Abdel Fatah, integrante do Movimento 6 de Outubro, blogger e ativista na internet.¹⁰

Nawara Negm é jornalista, ativista de direitos humanos e blogger.¹¹

OS DIAS DE REVOLUÇÃO

Manifestantes de diversas localidades do Cairo, bairros e cidades distantes foram à Praça Tahrir. A grande maioria jovens desempregados, muitos deles sem acesso à internet – tornando-se cientes da demonstração apenas pela propaganda boca a boca feita nos cafés baratos espalhados por toda a cidade, ou mesmo em *lan houses* que oferecem o serviço a baixo custo. Ironicamente, foram aqueles o maior número das vítimas fatais no confronto com a polícia.

À meia-noite do dia 27 de janeiro de 2011, quinta-feira, tanto internet como telefones celulares foram interrompidos, como uma forma de coibir e frustrar as manifestações da sexta-feira – esperava-se um número maior de pessoas nas ruas por ser dia livre para os trabalhadores. Já era previsto que isso iria acontecer, mas não se tinha certeza de quando. Àquela altura, o povo já havia decidido resistir e outros meios de comunicação foram usados, como panfletos, por exemplo.

Os protestos daquela sexta-feira foram tomados por muita violência e o dia 28 de janeiro ficou marcado como “sexta-feira sangrenta” ou “sexta-feira do ódio”. É provável que seja por causa das diversas pressões do exterior e a percepção de que tal tática não refrearia os manifestantes, que os serviços tenham sido restaurados no sábado, 29 de janeiro.

Acredita-se que a capacidade de articulação do povo foi subestimada imaginando-se que iriam se cansar e calar, assim como aconteceu com o Movimento Kifaya e tantos outros. Não foi considerado o fato de haver um espaço virtual no qual uma infinidade de grupos de pessoas faziam suas conexões e *networking* de informações, apesar de que era proibido a grupos acima de 5 pessoas se reunir publicamente.

As pressões internacionais, especialmente dos Estados Unidos, e o exército se posicionando do lado do povo também foram cruciais para o desfecho da revolução no Egito. Os fatos foram se desenrolando ainda com muitas perdas e conflitos por todo o país. Mubarak insistia em continuar no poder com diversos incidentes

⁹ “I, a girl, am going down to Tahrir Square, and I will stand alone, And I’ll hold up a banner.”... “ I wrote that whoever is worried about this country should come with me, and that anyone who is worried about me or thinks that I am mentally ill should come in order to protect me. Fonte: <http://moralheroes.org/asmaa-mahfouz> ; Vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=1JW3m8uwCL4>

¹⁰ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Israa_Abdel_Fattah

¹¹ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Nawara_Negm

violentos acontecendo ao redor, envolvendo confronto entre grupos de civis, pró e contra Mubarak, além de ataques a jornalistas e repórteres.

Uma semana antes de sua queda, o exército interferiu provendo segurança e as manifestações seguiram pacificamente. Depois seguiram-se 17 dias de manifestações com um saldo trágico para muitas famílias. No décimo oitavo dia, em 11 de fevereiro de 2011, o então presidente Hosni Mubarak finalmente renunciou ao poder.

A alegria e a festa do povo e um clima de esperança envolveram o país. Contudo, tinha-se o questionamento sobre o quê seria feito após a conquista. A revolução não possuía líderes. A experiência política dos grupos e movimentos limitava-se apenas ao sonho de mudanças.

O único grupo politicamente articulado era o da Irmandade Muçulmana que durante anos ficou à margem da política nacional no Egito. E com a revolução de 2011, acumulou aprendizado como, por exemplo, o uso eficaz das mídias sociais para comunicação massificada. O partido da Irmandade Muçulmana – Liberdade e Justiça, consegue por fim entrar no governo por eleição democrática. Provavelmente o grande erro de Morsi foi tentar fazer-se de “super presidente” e transformar o Egito de um Estado laico em um Estado religioso.

A PERCEPÇÃO DE TESTEMUNHAS

Foram realizadas entrevistas aleatoriamente para dar percepções de testemunhas, mesmo não sendo representativas por seu número. As pessoas foram perguntadas se teriam interesse em dar a sua opinião sobre os eventos ocorridos no país.

As perguntas abertas foram apenas motivadoras para se iniciar um diálogo, deixando os entrevistados à vontade para contar suas experiências, sempre visando ao objetivo de se entender a importância das TIC no Egito. O universo foi muito pequeno, mas suficiente para motivar a reflexão.

As entrevistas relacionam-se aos diferentes temas dos momentos vividos com as quedas dos presidentes Mubarak e Morsi:

A mídia social no Egito tem o mesmo efeito na vida pública como na Europa e USA, mas a diferença em relação ao Egito é que a mídia social chegou a ser um instrumento muito poderoso para informar ativistas jovens sobre o tempo e lugar dos protestos. [...] No caso do Egito, foi a mídia social que ajudou dramaticamente a fazer a diferença nos movimentos contra Mubarak, seguindo-se ao conselho militar, que assumiu o governo depois de Mubarak e intensificou-se na oposição à Morsi. [...] A mídia social foi muito importante para guardar, conservar e fazer pressão sobre a Irmandade Muçulmana. A mídia social foi determinante em mobilizar o maior protesto político na história da humanidade (aproximadamente 30 milhões de pessoas nas ruas do Egito). [...] A mídia social mostrou que tem um papel muito poderoso para direcionar mudanças políticas. No entanto, não havia líderes preparados para assumir responsabilidade. Mas a Irmandade Muçulmana, sim, estava organizada e soube aproveitar a oportunidade, de um movimento que ela mesma não havia organizado. [...] No momento pós-Morsi tem se um risco semelhante, não há líderes que tenham força de unir o Egito.”
(Entrevistado: Sr. Hamdi Hassan, 2013)

“Desde 2008 o FB¹² facilitou muito a vida da gente. Foi sempre fundamental para divulgar eventos sem gastar para fazer propaganda. Usamos o FB para marcar reuniões, independente do momento político que estamos vivendo agora. [...] Mubarak controlava as informações veiculadas pela rádio e TV, mas não tinha poder sobre a troca de opinião veiculada pelo FB, mesmo que ele olhasse. [...] A Revolução foi de grande emoção para mim. Eu participei, eu estive no meio, eu escrevi sobre ela, eu escrevi sobre a história acontecendo. [...] Quando Mubarak ordenou às empresas que cortassem o serviço de telefonia, mensagem e toda a Internet, só provocou maior adesão entre os grupos de internautas. Assim um contingente enorme de pessoas resolveu ir até a Tahrir para se certificar do que estava acontecendo. Foi o momento em que a polícia não tinha contingente suficiente para conter a multidão. [...] Realmente não se tinha líder, os encontros realizavam-se depois da oração. Os cafés populares serviram para o encontro boca a boca. O grande erro de Mubarak foi pensar que a rede era somente wifi e cortou telefones e celulares. [...] A revolução para mim representou o fim da corrupção. Tudo aqui era conseguido a base das relações, vaga em uma escola, na universidade, no trabalho e até mesmo uma vaga no hospital.”
(Entrevistado: Sr. Tamer, 2013)

Mubarak como Morsi foram presidentes que estavam do lado oposto ao do povo ... para o inferno com eles! Eu sou muçulmano e desejo ser cada dia um melhor muçulmano, mas não se pode misturar a religião com a política. (Anônimo um, 2013)

Morsi usou a religião para ganhar votos. Foi nas áreas pobres e comprou votos com alimentos. (Anônimo dois, 2013)

Enquanto a Praça Tahrir estava literalmente pegando fogo, a TV controlada por Mubarak passava um filme tranquilo com barcos no Nilo. (Anônimo três, 2013)

Grupo da Irmandade passa sempre na minha rua explicando sobre a situação que estamos vivendo e convidam para as demonstrações. (Anônimo quatro, 2013)

Tenho um filho adolescente que está encantado com a Irmandade Muçulmana. Está sempre se comunicando no computador. Ele está em uma idade que todos os outros tem razão, só os pais que não. Eu digo a ele para ter cuidado e informar-se mais e melhor e tirar as suas próprias e melhores conclusões. Na verdade eu tenho medo que coloquem coisas na cabeça dele. Tenho medo que ele termine por fazer mal a ele mesmo e a outros. (Anônimo cinco, 2013)

No dia 28 de janeiro de 2011, considerada a sexta-feira sangrenta, aproximadamente 40.000 presos fugiram das cadeias no Cairo. No caminho por onde passaram só destruição, saques, estupros... Os grandes supermercados em 6 de Outubro foram saqueados e queimados. As lojas do shopping anexo tiveram seus vidros quebrados e também foram saqueadas. Uma amiga que vive em

¹² FB: Facebook

um condomínio naquela área disse-me que muitos deles não eram criminosos, pois um desses fugitivos apareceu em seu quintal pedindo comida e agasalho – era inverno e estava muito frio. Próximo à minha casa, em uma rua principal, muitas lojas de grande porte também foram saqueadas e queimadas. Na noite daquela sexta-feira, não dormi, ouvindo tiros ao longe. E notei que não havia policiais na rua. No dia seguinte, no sábado, percebi uma movimentação estranha e de minha janela vi que havia pessoas do meu prédio e vizinhança (homens) coordenando o trânsito e alguns distribuindo panfletos. Os comerciantes das lojas próximas haviam pintado as vitrines com tinta branca e retiraram suas mercadorias expostas. Naquele momento percebi que havia algo errado e, ao anoitecer, vi meus vizinhos (homens) fazendo a guarda dos prédios e da rua. Os homens armaram-se de todo o tipo de armas: de facas a tacos de baseball. E foi assim até a queda do Mubarak. (Anônimo seis, 2013)

CONCLUSÃO

Considerando as reflexões sobre os acontecimentos em torno da revolução egípcia e as entrevistas realizadas, pode-se concluir que:

- As redes sociais foram definitivamente importantes como instrumentos de comunicação e propiciaram ampla discussão online entre pessoas que não se conheciam realmente. Mas foi justamente isso que motivou mover a discussão do palco virtual e apresentá-la no palco da realidade. Foi completamente novo, mas gratificante, mostrar a todos os seus sentimentos, suas dúvidas, medos, raiva e, também, esperança.
- Surpreendente foi a emoção, pois ninguém acreditava que se poderia falar abertamente do que se pensava sobre o presidente, ministros e corrupção que atingia vários níveis do governo.
- Importante a participação feminina para a queda de Mubarak.
- Mesmo que considerável parte da população tenha ido às ruas manifestar seu desejo pela saída de Mubarak, a população de modo geral não participou dos diálogos realizados nas comunidades da mídia social. Na verdade, este foi um movimento da classe média (elite egípcia). Ainda que tenha havido confraternização na Praça Tahrir e em outros locais da cidade e do país.
- Nos 30 anos de governo de Mubarak houve várias greves de trabalhadores. Inclusive, o próprio Movimento 6 de Abril criado em apoio a esses. No processo da revolução, não houve espaço para se ouvir nem a voz do proletariado e muito menos a dos pobres de maneira geral.

Artigo recebido em 04/02/2014 e aprovado em 25/03/2014

REFERÊNCIAS

<http://www.raquelrecuero.com/revolucao.htm> . Acesso em: 10.nov.2013.

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4199&secao=380 . Acesso em: 10 nov.2013.

ARAB Media and Society. Disponível em: <http://www.arabmediasociety.com/?article=692> . Acesso em: 10 nov. 2013.

BRASIL DE FATO. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/25669>. Acesso em: 17 dez. 2013.

THE CAIRO Review of Global Affairs. The American University in Cairo. Disponível em: <http://www.aucegypt.edu/gapp/cairoreview/pages/articleDetails.aspx?aid=233>. Acesso em: 17 dez. 2013.

CAUSA Operária. Disponível em: <http://www.pco.org.br/internacional/medo-governos-arabes-temem-efeito-tunisia-zjzz,j.html>. Acesso em: 10 nov. 2013.

ESTADÃO. Atentados. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,carro-bomba-explode-em-frente-a-igreja-crista-no-egito,660708,o.htm> . Acesso em: 10 nov. 2013.

G1 Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/12/brasileiro-nasce-com-expectativa-de-vida-de-746-anos-aponta-ibge.html>. Acesso em: 10 dez. 2013.

IBCOM.org. Disponível em: <http://libcom.org/blog/egypt%E2%80%99s-security-forces-massacred-prisoners-during-revolution-29122011> . Acesso em: 17 dez. 2013.

HAUSLOHNER, Abigail. After Tunisia: Why Egypt Isn't Ready to Have Its Own Revolution. **Time**. Jan. 20, 2011. Disponível em: <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,2043497,00.html#ixzz2ntMptUO7> . Acesso em 10 nov 2013.

IDH. Disponível em: <http://www.infoescola.com/geografia/idh-2011/> . Acesso em: 15 dez. 2013.

INDEX Mundi. Expectativa de vida. Disponível em: http://www.indexmundi.com/es/egipto/expectativa_de_vida_al_nacer.html . Acesso em:10 dez. 2013.

INFO Escola. Disponível em: <http://www.infoescola.com/geografia/idh-2011/> . Acesso em: 27 nov.2013.

INFOPÉDIA. Movimento social. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$movimento-social;jsessionid=LTL1r48IJ8AjsmqTBdbDgg](http://www.infopedia.pt/$movimento-social;jsessionid=LTL1r48IJ8AjsmqTBdbDgg). Acesso em: 27 nov. 2013.

MORAL Heroes – Asmaa Mahfouz . Disponível em: <http://moralheroes.org/asmaa-mahfouz> . Acesso em: 10 nov. 2013.

NASSIF, Luiz . GGN. Disponível em: <http://jornalggm.com.br/blog/luisnassif/comparacoes-entre-o-brasil-e-o-egito> . Acesso em: 12 dez. 2013.

REUTERS. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2011/01/28/us-egypt-protests-mubarak-idUSTRE70R50T20110128> . Acesso em: 17 dez. 2013).

SOCIAL Media. Disponível em: <http://manuals.sozialebewegungen.org/> . Acesso em: 15 dez. 2013.

TIME World. Disponível em: <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,2043497,00.html> . Acesso em: 17 dez. 2013.

UOL Educação. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/09/21/taxa-de-analfabetismo-cai-no-pais-mas-ainda-atinge-91-da-populacao-com-mais-de-18-anos.htm> . Acesso em:10 dez. 2013.

WIKIPEDIA. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Cairo>. Acesso em: 17 dez. 2013.

WIKIPEDIA. 6 April youth movement . Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/April_6_Youth_Movement . Acesso em: 10 nov. 2013.

WIKIPEDIA. Egyptian revolution . Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Egyptian_Revolution_of_2011 .Acesso em:10 nov. 2013.

WIKIPEDIA. Israa Abdel Fattah. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Israa_Abdel_Fattah . Acesso em: 10 nov. 2013.

WIKIPEDIA. Kefaya movement. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Kefaya> Acesso em:10 nov. 2013.

WIKIPEDIA. Kefaya movement. Disponível em:

<http://www.rand.org/pubs/monographs/MG778.html> . Acesso em: 10 nov. 2013.

WIKIPEDIA. Nawara Negm. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Nawara_Negm . Acesso em: 10 nov. 2013.

WILSON, C; DUNN, A. Digital media in the egyptian eevolution: descriptive analysis from the tahrir data sets. International Journal of Communication, Oslo, n.5, 2011.

Disponível em:

http://www.mkghamburg.de/fileadmin/user_upload/MKG/Vermittlung/MKG_Kairo_In_foblatt_A3.pdf Acesso em:12 dez. 2013.